CADERNOS DO PATRIMÔNIO



FOLIAS DE MINAS GERAIS

iepha
MINAS GERAIS



Patrocínio:



Realização:



CIP —Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

F665

Folias de Minas Gerais / Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. – Belo Horizonte : Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2018.

68 p. : il. ; 26 cm. – (Cadernos do Patrimônio)

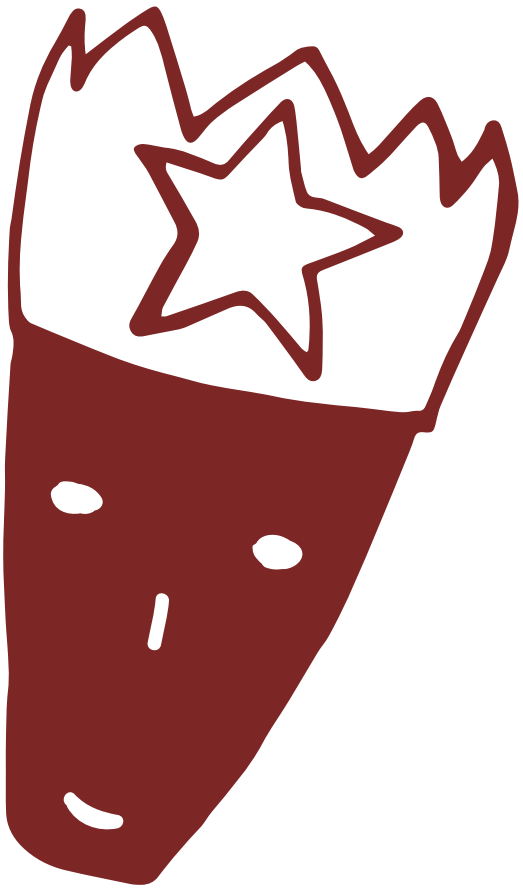
ISBN 978-85-66502-07-7

1. Folia – Minas Gerais. 2. Festas religiosas. 3. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio imaterial. I. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

CDD – 398.098151

CADERNOS DO PATRIMÔNIO

FOLIAS DE MINAS GERAIS





Apresentação 7

Uma jornada pelas folias de Minas Gerais 11
A Folia do princípio do mundo: o culto a Santos Reis 17
Saudação ao Mártir: Folia de São Sebastião 23
Festejando o Espírito Santo: as Folias do Divino 26
Território de devoções: diversidade no contexto das Folias mineiras 28

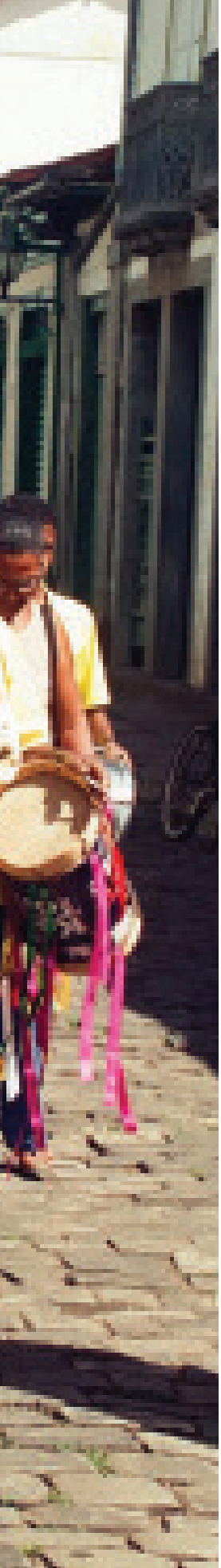
As folias e seus elementos 33
As promessas como o núcleo do ritual 33
A bandeira como guia dos caminhos 35
A liderança do mestre na hierarquia do grupo 37
A presença feminina e ocupação dos cargos 39
A música como ligação com o sagrado 41
A misteriosa figura dos palhaços 44

Folias: uma celebração em movimento 49
A saída 50
A visita 52
A comunhão em torno do alimento 55
O encerramento 58

Referências Bibliográficas 63



Folia de Reis Menino Jesus, Paracatu de Baixo, Mariana/MG.



APRESENTAÇÃO

O senhor nos dê licença
Pra podermos viajar
E as noites são pequenas
Temos muito que andar

Os *Cadernos do Patrimônio* destinam-se a valorizar e difundir os bens culturais reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial do estado de Minas Gerais. Neste volume a temática são as *Folias de Minas*, inscritas no Livro de Registro das Celebrações no ano de 2017.

As Folias, também conhecidas como Ternos, Companhias e Caravanas, são celebrações religiosas com base no catolicismo popular, amplamente difundidas em Minas Gerais e que podem ser definidas como um agrupamento de devotos de determinados santos que percorrem jornadas cumprindo promessas e recolhendo donativos. Em geral, é composta por ritos como a saída da Folia, a visita da bandeira e a festa de encerramento, que quase sempre são realizados em um ciclo determinado pelo dia do seu santo de devoção, podendo também ocorrer em outros períodos. Entre os rituais que estruturam a Folia também estão situadas práticas culturais como o canto, a reza, os toques de instrumentos musicais, as danças sagradas e profanas e as comidas votivas. Nesse sistema devocional e festivo de grandes proporções, os foliões – como são chamados os detentores dessa prática – fazem suas andanças pelo campo e pela cidade, modificando suas rotinas e cotidianos e passando a vivenciar momentos

de sociabilidade entre pessoas, santos e eventualmente mortos, posto que é comum se pagar promessas para aqueles que já se foram.

Com suas distintas sonoridades, devoções, denominações e formas, as Folias do estado fazem parte do diversificado e complexo universo de celebrações feitas em Minas Gerais, tendo se tornado, ao longo dos anos, uma importante referência cultural do povo mineiro. Essa diversidade contribuiu para que o Iepha/MG instruísse, pela primeira vez, um processo de Registro que abrangesse todo o território mineiro [1].

Esse processo, inovador e desafiante para a Instituição, foi desenvolvido de forma colaborativa e com a participação de foliões, de prefeituras municipais e de pesquisadores, por meio de uma plataforma virtual, lançada no site do Iepha/MG, no dia 6 de janeiro de 2016, na qual foi possível cadastrar os grupos de Folias do Estado. A plataforma, que permanecerá aberta com o recebimento contínuo de informações, recebeu, até 2018, mais de 1600 cadastros de grupos de Folias que, por sua vez, estão distribuídos entre cerca de 400 municípios mineiros.

Todas essas Folias são hoje reconhecidas como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais. Sua salvaguarda, no entanto, não está focada no risco de seu desaparecimento, posto que sua fé, seus mecanismos de transmissão e o engajamento de sua comunidade garantiram sua continuidade ao longo de mais de três séculos. Todo o esforço do Estado e da Sociedade Civil para que esta manifestação cultural mantenha sua vitalidade e atualidade deve se voltar para valorização e fomento da prática e dos seus detentores.

NOTAS

1. Os demais bens culturais imateriais registrados anteriormente são o Modo de Fazer o Queijo Artesanal da Região do Serro (2002), A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (2013) e a Comunidade dos Arturos (2014).



Folião de Mocambeiro/MG



Caixas, máscaras de palhaço e Bandeira – Mocambeiro/MG



UMA JORNADA PELAS FOLIAS DE MINAS GERAIS

Lá vem chegando o Reisado
Cheio de graça e Folia
Oh senhor dono da casa abra a porta e deixe entrar
Essa bandeira sagrada vem aqui lhe visitar
Bendito louvado seja
Pra hoje e sempre o amor
Se essa vida é tirana e causa tamanha dor
Quanto mais se for sozinha a lida do cantador
Por isso meus companheiros cantem comigo que não canto só
Pra encontrar em cada rosto um destino bem mió.

Chico Lobo (Reisado)

A estrofe da canção "Reisado" sinaliza momentos importantes nas Folias: a chegada e a visita da bandeira, a motivação para fazer e cumprir promessas e a louvação coletiva dos foliões. Essa é a estrutura ritual básica das Folias, manifestação cultural associada ao catolicismo popular e que está presente em vários estados do Brasil. Especialmente na cultura mineira, as Folias ocupam um espaço central, com um extenso número de grupos distribuídos por toda Minas Gerais. No estudo desenvolvido para fins de Registro das Folias como Patrimônio Cultural Imaterial do estado identificou-se que tais grupos possuem características e estruturas simbólicas comuns, mas que também apresentam variações que os diferenciam no contexto geral do estado.

Geralmente, as Folias são formadas por mestres, cantores, tocadores, bandeireiros ou alferes, que realizam visitas às casas de devotos distribuindo bênçãos e recolhendo donativos para variados fins. Possuem como um dos principais elementos simbólicos a bandeira, que estampa a imagem do santo de devoção, e se organizam a partir de ritos como

o giro ou jornada, encontros, festas e o cumprimento de promessas. Comumente, os foliões e foliãs saem em procissão nas datas em que se comemora o dia do santo ao qual a Folia é dedicada, passando pelas casas dos devotos que creem nas bênçãos trazidas pelas rezas, cantos de saudação e louvor e pela visita das bandeiras. Em geral, os ritos e performances obedecem a um trajeto previamente estabelecido, que incluem a visita das bandeiras a casas, igrejas, cruzeiros, cemitérios, entre outros, e que perpassam zonas rurais e urbanas, percorrendo, em alguns casos, as ruas e as roças numa mesma jornada.

Além dessas estruturas simbólicas, são bem demarcadas características como o domínio dos cantos, toques, versos e performances, a valorização da comunhão no momento das refeições, bem como o respeito à hierarquia, aos mais velhos e aos períodos de jornadas. Neste conjunto se integram ainda os objetos rituais como as máscaras, toalhas, bandeiras, fitas, flores, terços e rosários; os instrumentos musicais como as violas, caixas, violões, pandeiros, sanfonas e rabecas; as múltiplas vozes; as indumentárias e os adornos como os chapéus e as coloridas roupas dos palhaços e bastiões. Além disso, as Folias conformam redes de solidariedade criadas em torno da devoção aos santos e da caridade, que por sua vez é acompanhada de momentos de diversão com a presença do sapateado, do bater dos bastões e das danças como o lundu, o guaiano, a chula, o quatro e a sussa.

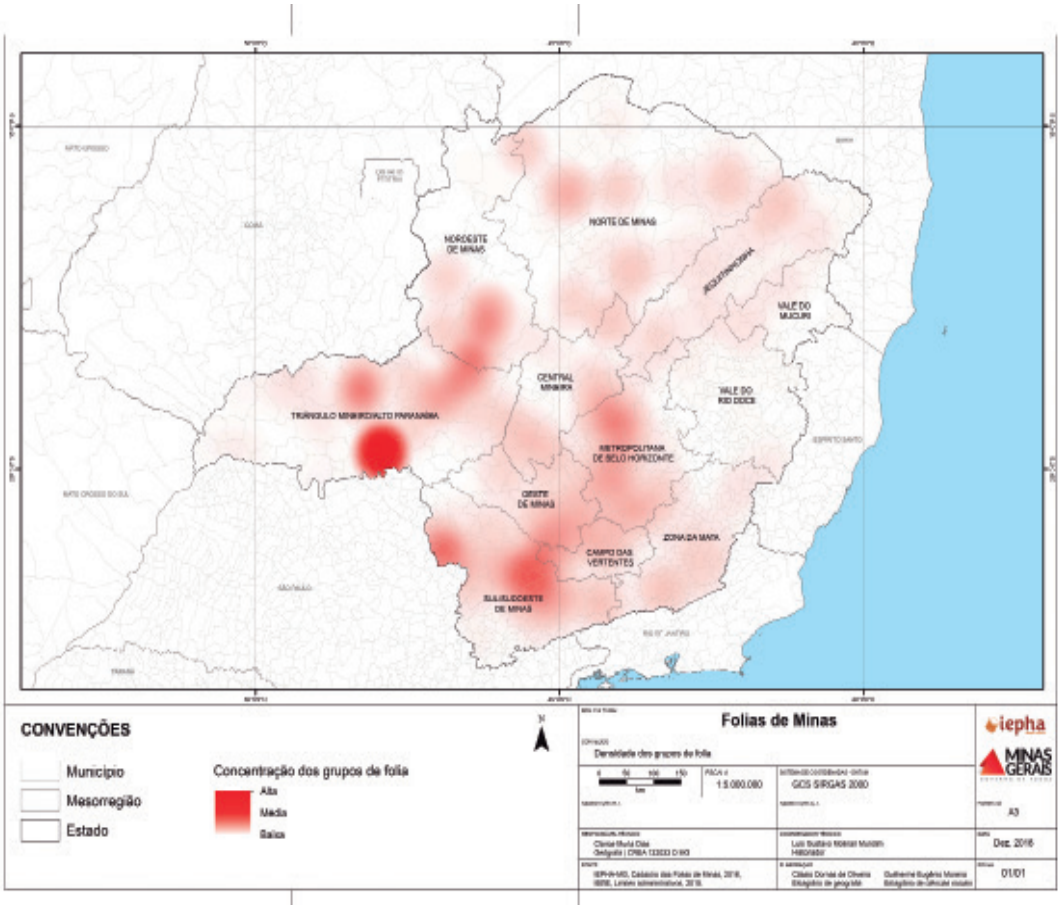
Esse arcabouço básico partilhado por diversos grupos pode ser compreendido como um sistema religioso no qual os indivíduos, separadamente e em grupo, atuam em conformidade com suas crenças e símbolos. O cunho devocional se apresenta como uma característica que distingue uma Folia da outra, pois é o santo de devoção que determina o desempenho das atividades rituais, desde a estrutura de organização do grupo até seu período festivo.

No contexto de Minas Gerais somam-se mais de cinquenta devoções, sendo que a mais recorrente é a de Santos Reis, seguida pelas de São Sebastião, Menino Jesus e Divino Espírito Santo. Nesse âmbito é importante situar que muitas Folias carregam a bandeira para mais de um santo, cumprindo promessas ao longo de todo o ano. Na lógica dos foliões e foliãs, as devoções não se separam, são indissociáveis, e uma complementa a outra. Como exemplo disso, pode-se citar o caso de foliões que fazem parte de um grupo de Folia de Reis, mas que também são devotos de São Sebastião, e assim, de igual modo saem com a Folia de São Sebastião.

Outra questão importante sobre a diversidade das Folias de Minas Gerais se dá no âmbito da terminologia. Folia é um termo genérico, e também o mais comum, para designar a manifestação cultural descrita anteriormente. No entanto, observa-se no contexto mineiro uma pluralidade nominal que se alastra por todo estado, com variações que distinguem e caracterizam os grupos de acordo com suas trajetórias históricas e com suas vivências regionais. Além do termo "Folia", são recorrentes nomes como companhia, terno, caravana, embaixada, jornada, charola, entre outros.

Esse universo de pluralidade é reflexo também das múltiplas identidades culturais existentes em Minas Gerais, uma vez que as dimensões regionais se colocam na forma como as

Folias conduzem e executam suas celebrações. Os levantamentos elaborados no processo de Registro das Folias de Minas apontaram a ocorrência das Folias em todo estado, com maior adensamento nas seguintes regiões: Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, Sul/Sudoeste de Minas e Metropolitana de Belo Horizonte. Há concentrações ainda no Oeste de Minas, no Campo das Vertentes, no Norte de Minas, no Vale do Jequitinhonha e na Zona da Mata, além da ocorrência, em menor concentração, no Vale do Rio Doce, no Vale do Mucuri e na Central Mineira.



Mapa: Concentração das Folias no estado de Minas Gerais | Fonte: Iepha/MG

As Folias se tornaram ao longo dos anos uma das mais importantes expressões da religiosidade brasileira. Porém, em Minas Gerais, a celebração parece ter encontrado terreno fértil, fincando raízes em todo o estado e se perpetuando ao longo dos séculos na memória social dos mineiros. Para compreendê-las em todo seu universo simbólico, festivo e religioso, é necessário retomar referências históricas antigas, que apontam que a Folia feita hoje no Brasil, possui uma gênese diversificada. Sabe-se que há uma complexidade em estabelecer origens históricas concretas devido à diversidade de narrativas sobre a origem das Folias e à multiplicidade de dimensões vinculadas a essa celebração, visto que a Folia é ao mesmo tempo festa, performance e rito e que congrega diferentes matrizes culturais. No entanto é possível elaborar algumas conexões com festejos do passado.

Sabe-se que embora as Folias tenham vínculo com a narrativa cristã, elas também carregam símbolos que foram traduzidos das festas ditas "pagãs", feitas por antigas civilizações nos séculos que antecederam o cristianismo, especialmente a romana. Estudos apontam que a tradição de festejar divindades é longínqua. Entre os povos pré-cristãos ocidentais as festividades, fossem sagradas ou profanas, eram constituídas por danças, músicas, indumentárias, máscaras, interpretações teatrais e, em muitos casos, eram feitas no espaço citadino[1]. A partir da instituição do cristianismo somaram-se a essas celebrações o culto aos santos católicos, e mesmo após as proibições impostas, as populações evangelizadas ou convertidas continuaram a manter um ciclo de festividades vinculando-as, por vezes, às práticas sagradas.

Com o passar dos anos, especialmente após a conquista da Península Ibérica por Roma, essas comemorações ecoaram por todo império e as festividades locais passaram a incorporar elementos vinculados aos cultos romanos. Segundo consta, logo nos primeiros anos da era cristã os chamados "pais da Igreja", tais como Santo Agostinho e Tertuliano, criticavam, por exemplo, a participação cristã nas Saturnais, festividade romana pagã feita no mês de dezembro, em homenagem ao deus Saturno e que tinha como principal característica a inversão simbólica da ordem social, situação em que as pessoas se vestiam com peles de animais e utilizavam máscaras.

No entanto, embora a Igreja condenasse tais práticas, em outros momentos as utilizou como estratégia para propagar os princípios religiosos do catolicismo, reforçando mitos como o do nascimento de Cristo e da descida do Espírito Santo. Com isso, o culto e as comemorações do nascimento, da visita dos Magos, do pentecostes e dos primeiros mártires da igreja foram fixados como datas oficiais durante o século IV depois de Cristo, quando o catolicismo foi instituído como religião oficial do Império e o calendário cristão foi unificado. Nessa época os dias 25 de dezembro e 06 de janeiro que marcam, respectivamente, o Nascimento de Jesus e o Dia de Reis, foram fixados como datas oficiais.

A partir disso, a cultura e a religiosidade passaram por sucessivas formas de apropriação tanto na Europa, como em outros territórios. No período medieval, distintas culturas reinventaram suas festas e ritos, frente à crescente dinâmica de cristianização das atividades seculares. Nesse contexto, a religiosidade foi ganhando formas variadas de representação por meio de cantorias, danças, encenações e músicas, dando aos festejos dedicados aos santos católicos um caráter secular. Anos mais tarde, já no século XVII, em razão das reformas que ocorreriam na Europa, os rituais não católicos passaram a ser "adaptados" com as passagens bíblicas, tendo o teatro como um dos principais campos estratégicos para a evangelização nas missões jesuíticas e em outras ordens religiosas. O movimento dos reformadores católicos se utilizou de uma doutrina de "adaptação" das celebrações populares aos ritos cristãos.

No contexto de expansão ultramarina, marcado pelo prolongamento do catolicismo nas terras conquistadas e pelo fortalecimento das monarquias ibéricas, as festas católicas serviram à catequização dos povos nativos do Novo Mundo. Assim, desde o início da colonização em terras brasileiras, uma das principais formas de materialização da fé se deu por meio do culto e dos festejos dedicados aos santos que, combinados à cultura indígena e mais tarde, à africana, transformou o país em "um império das festas" [2] .

Em terras brasileiras, uma das formas de materialização da fé se deu por meio do culto e dos festejos dedicados aos santos. Nesse contexto as festas religiosas se constituíram como um importante espaço de sociabilidade, sendo marcadas tanto pelo caráter sagrado, com "efusivas manifestações de fé visíveis", quanto pelo profano, com "músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício.

Com o tempo, os festejos ficaram cada vez mais próximos à vivência das camadas populares, transformando-se em momentos de celebração da vida, de suspensão do ritmo cotidiano e de fortalecimento das sociabilidades. Delineadas desde o século XVIII, intensificadas no século XIX e XX, e presentes ainda hoje, as festas dedicadas aos santos revelam, portanto, a perpetuação das tradições e a existência de fundamentos ancorados na fé e na fraternidade comunitária.

NOTAS

1. BURKE, Peter. A cultura popular na idade moderna. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

2. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Viajantes em meio ao império das festas. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris (org.). Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa, v. II. São Paulo: Hucitec/Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001.



Legenda: Folia de Reis, no Encontro de Folias na Quinta do Sumidouro, Pedro Leopoldo/MG.

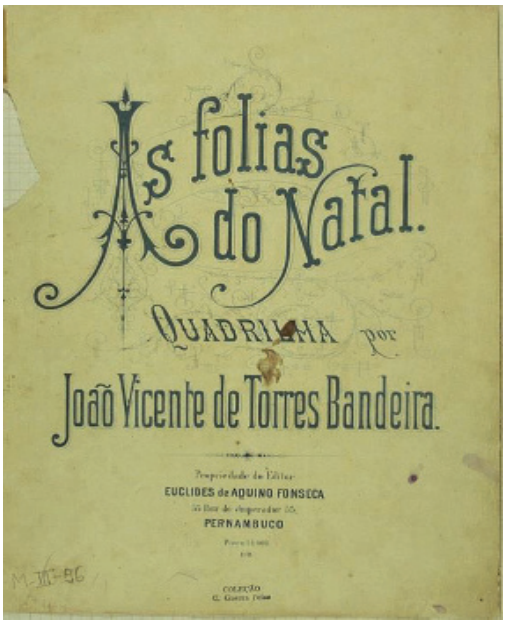
A FOLIA DO PRINCÍPIO DO MUNDO: O CULTO AOS SANTOS REIS

[...] a Folia de reis traz aquilo da criação dela, que foi quando São Francisco de Assis olhou o primeiro presépio e fez a imagem do Menino Jesus para poder celebrar a primeira missa do natal, aí é que ele fez o presépio, que foi lá onde Jesus nasceu, num é por aqui não, é lá no Belém mesmo, e lá ele criou uma companhiazinha chamada caravana de Folia de reis pra imitar os reis chegavam ao presépio. Ele celebrou a missa com os reis chegando e era tudo frade, ele criou com aqueles 12 frade, 13 com ele, pra fazer a visita ao menino Jesus, a adoração que os reis fizeram, e é isso que a Folia imita, é essa companhia que São Francisco criou.

Zé Limão, Jequitibá/MG

Vinte e quatro pra vinte e cinco foi o nascimento de Cristo, doze horas da noite na lapinha de Belém. Então a gente faz a saudação. Agora no dia primeiro de janeiro é Folia de Reis, vem o mês de seis de agosto é dia de Senhor Bom Jesus, sai Folia e reza nesse dia também, mais outras Folias. Mas a Folia principal do princípio do mundo é a Folia de Reis. Agora tem a Folia de Bom Jesus que foi rendendo as coisas porque todo mundo gostava né? Então foram rendendo... sai Folia de Bom Jesus, São Sebastião, São José, Nossa Senhora Aparecida.. sai Folia de vários santos cada um com um som, né.

João Raposo, São Francisco/MG



As folias do natal (1889) Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional – Brasiliana.

Segundo os foliões, a Folia de Reis vem do "princípio do mundo", pois a primeira Folia teve origem com a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. O texto bíblico que orienta essa narrativa está no livro de São Mateus que conta que os magos saíram do oriente e foram guiados por uma estrela até Jerusalém para encontrarem o Menino Jesus, momento em que o adoraram e o presentearam com incenso, mirra e ouro. É precisamente este acontecimento mítico que é contemplado anualmente pelos grupos de Folias de Reis, sendo que a cena do nascimento é o fundamento da celebração. Não por acaso, os presépios se mostram de grande importância nos momentos rituais, pois evocam a cena elementar. Na história mítica de outros grupos, as Folias de Reis tem início com a fabricação do primeiro presépio, que teria sido feito por São Francisco de Assis na floresta de Groccio, na Itália, em 1223, quando o Santo encontrou na simbologia do nascimento um meio de realizar seu trabalho de catequese com a população local.

A devoção aos Reis Magos é antiga, tendo se desenvolvido fortemente entre os séculos V e XV por toda Europa, especialmente nos países ibéricos, e se expandindo até os dias atuais. Nesse contexto, a Igreja passou a se utilizar de estratégias para difundir os princípios religiosos do cristianismo, reforçando os mitos relacionados à vida de Jesus Cristo, em uma época em que ainda não havia um calendário religioso estabelecido. Os dias 25 de dezembro e 06 de janeiro que marcam, respectivamente, o Nascimento de Jesus e o Dia de Reis, foram fixados como datas oficiais durante o século IV d.C, quando o catolicismo foi instituído como religião oficial do Império Romano e o calendário cristão foi unificado. A partir disso, a cultura e a religiosidade passaram por sucessivas formas de apropriação tanto na Europa, como em outros territórios.

Em Portugal, por exemplo, desenvolveu-se o costume das "janeiras" e das festas de Reis, que consistiam em reuniões de grupos de pessoas que saíam pelas ruas, ao início de cada ano, tocando instrumentos musicais como pandeiros, bumbos, flautas e violas, e cantando nas portas das casas para desejar feliz ano novo. Os cantos se relacionavam ao nascimento do Menino Jesus e aos acontecimentos relacionados a ele, tal como a viagem dos Reis Magos, e o término da festa era marcado por ofertas de comidas "janeiras", tais como castanhas, nozes, chouriço e morcelas. Autores apontam que outras manifestações portuguesas podem ter contribuído para a constituição das Folias de Reis. Uma delas seria a Festa dos Rapazes ou dos Caretos, rito de origem ibérica que era praticada entre os dias 26 de dezembro e 6 de Janeiro, com um complexo cerimonial que contava com "loas ou comédia, uso de máscaras, peditórios, refeições, exclusão de mulheres, danças (de origem litúrgica, diferentes portanto das danças de pauliteiros); etc."[1]

Essas tradições ibéricas, especialmente as portuguesas, chegaram ao território brasileiro durante século XVI junto com os primeiros portugueses e com os padres jesuítas, responsáveis pela catequização dos povos nativos do Novo Mundo. Acredita-se assim, que as Folias sejam uma tradução das tradições ibéricas de cultuar e festejar os Reis Magos e que no território brasileiro ganharam características próprias. Um documento, intitulado *Novo Estilo de Cantar os Reis*, que foi produzido para a rainha portuguesa Carlota Joaquina de

Bourbon por um autor anônimo em 1818, no Rio de Janeiro, apresenta o seguinte trecho: "esse estilo de cantar os reis de 'casa em casa e de porta em porta', comum no Brasil, representava então uma novidade para os círculos aristocráticos portugueses". Acredita-se que o costume a que se refere o autor sejam as Folias, que já tinham adquirido feição própria no Brasil.

O pesquisador Theo Brandão, pontua que as Folias de Reis podem ser vistas como uma variação brasileira das janeiras portuguesas, associadas a outros costumes ibéricos e ao contexto cultural vivenciado no território brasileiro. Com o passar dos anos, sobretudo a partir do processo de interiorização do território brasileiro, as Folias e demais práticas vinculadas ao culto aos Reis e ao Menino Jesus foram apreendidas pelas populações dos sertões do atual estado de Minas Gerais, notadamente por aquelas que executavam atividades pastoris. A descoberta do ouro nas Minas no final do século XVII também possibilitou o desenvolvimento e o aprofundamento de costumes e tradições religiosas,



Mosaico com a representação dos Reis Magos. Fonte: Acervo Museu do Vaticano

especialmente de Folias e de expressões derivadas dos costumes ibéricos, ocorrendo notadamente no ambiente rural e nas cidades do interior, se alastrando depois para os grandes centros urbanos.

DIA 6 DE JANEIRO JÁ FOI FERIADO NACIONAL

Devido à forte devoção aos Santos Reis no Brasil o dia 6 de janeiro era considerado feriado nacional, assim como ainda é na Espanha, Itália e Alemanha, sendo mencionados nos calendários destes países como o dia da Epifania ou dos Reis Magos. Jornais, como O Estado de São Paulo, revelam por meio de notas publicadas em 1909 e 1944 que diversos estabelecimentos paralisavam suas atividades, pois, além de feriado, era um dia Santo de Guarda, em que os católicos tinham o dever de ir à missa e participar das festividades.

A suspensão do feriado do Dia de Reis ocorreu em dezembro de 1967, quando o Estado confirmou a retirada de outros cinco dias santos, conforme noticiado pelo mesmo jornal: "Com a nova legislação implantada no País, os feriados e facultativos foram drasticamente reduzidos, passando a serem considerados dias santos apenas os seguintes: Natal, 1º de janeiro, sexta-feira santa, Corpus Christi, Imaculada Conceição (8 de dezembro) e Finados".

No entanto, algumas cidades do país mantiveram o feriado, tal como Natal, no Rio Grande do Norte. Este também é o caso de alguns municípios de Minas Gerais onde as Folias de Reis são uma prática cultural expressiva: Arcerburgo, no Sul de Minas, Campo Florido, no Triângulo Mineiro e Presidente Olegário, na região Noroeste, que declarou os dias 5 e 6 de janeiro como feriado municipal. Para os grupos de Folia o descanso, no entanto, é dos ofícios do mundo terreno, da vida cotidiana, pois para os foliões, os giros, o cumprimento de promessas e a recolha de esmolas recebem um sentido de trabalho, de serviço aos Santos Reis e à comunidade.

Relatos históricos dão conta de que as Folias estão presentes em Minas Gerais há tempos, como retrata uma crônica intitulada Tiradores de Reis, publicada no jornal *Arautos de Minas*, de São João del-Rey, em 1883, que descreve uma Folia da região das Vertentes, que muito se assemelha às Folias que acontecem hoje em Minas Gerais. Viajantes oitocentistas também relataram a ocorrência de festas do ciclo natalino em Minas Gerais, descrevendo que essas celebrações já eram comuns no século XVII, mas que alcançaram maior difusão no século XIX. De igual modo, no século XX, há diversos relatos de pesquisadores que realizaram estudos de campo e que discorreram sobre a presença das Folias de Reis em Minas Gerais.

Observa-se que ao longo desses anos, as Folias de Reis se tornaram uma tradição expressiva no Brasil e, especialmente em Minas Gerais, onde a celebração parece ter encontrado terreno fértil, fincando raízes em todo o estado e se perpetuando ao longo dos séculos.

NOTAS

1. BRANDÃO, Théo. O Reisado Alagoano. 2. Ed. Alagoas: Edufal, 2007.



Legenda: Companhia de Reis Filhos e Amigos de Teles, Uberaba/MG



Bandeira e Palhaços de Folia de São Sebastião – Betim/MG

SAUDAÇÃO AO MÁRTIR: A FOLIA DE SÃO SEBASTIÃO

Outra devoção de significativa importância e amplitude em Minas Gerais é a dedicada a São Sebastião, padroeiro de diversos municípios do estado. Com data de comemoração no dia 20 de janeiro, o santo também compõe o universo religioso das Folias sendo, por vezes, uma extensão da Folia de Reis, abrindo um novo giro após o dia 6 de janeiro e encerrando no dia 20.

São Sebastião é um dos mártires da Igreja. A narrativa sobre sua vida está descrita nos textos atribuídos a Santo Ambrósio, na qual conta que antes de se tornar santo, Sebastião, mesmo sem aptidão para a vida militar, teria se alistado no exército romano com a intensão de apoiar aqueles que eram perseguidos por serem cristãos. Os relatos apontam que durante sua estadia no exército Sebastião teve destaque como soldado até ser acusado de traidor, quando foi executado por flechas.

Após esse episódio, o culto à sua figura se disseminou tendo início no século IV, atingindo o auge nos séculos XIV e XV na Europa, e posteriormente nas Américas. No Brasil, a devoção e o costume de festejar São Sebastião podem ser considerados a partir da colonização portuguesa no século XVI, tendo sido inserida pelos jesuítas. Uma vez mais, a tradição foi trazida para a colônia já com suas celebrações que, em pouco tempo, frente à ação de catequização dos jesuítas, ganharam alcance e novos formatos na América Portuguesa. A crença em São Sebastião pode ser considerada a partir da colonização portuguesa no século XVI, tendo sido inserida pelos jesuítas na colônia. A crença em São Sebastião foi difundida por todo o território brasileiro, alcançando diversas localidades e tendo sido apropriada pelas Folias. Geralmente, a crença neste santo e as promessas feitas para ele estão associadas à crença de que ele protege contra as doenças contagiosas, epidemias e a escassez de alimentos.

A bandeira de São Sebastião está presente em todas as regiões de Minas Gerais, com grupos que possuem trajetórias longas. As histórias de fundação dessas Folias são múltiplas, mas, em geral, estão vinculadas a promessas de cura de mazelas, como por exemplo, a Folia de Reis Mártir São Sebastião da cidade de Belo Vale, Minas Gerais. Fundada em 1951, pelo Mestre Antônio do Cinico, após ter recebido a graça da cura de uma doença grave, a Folia teve como cerne a arrecadação de fundos para a compra de remédios e cestas básicas para os necessitados.

O grupo Os Capela Nova de Betim também homenageia o mártir:

Do dia 06 de janeiro, você encerra a Folia dos santos reis e começa a de São Sebastião. São Sebastião vai até dia 20 de janeiro. [...] Você canta encerrando a bandeira de santos reis e torna a cantar homenageando São Sebastião.

Vamos supor, você chega numa casa, quando chega pra sair você vai chegar meia noite nós já troca a bandeira. Enrola, fecha a bandeira de santos reis e abre a de São Sebastião. Fala assim, o primeiro verso de São Sebastião:

Tu chegou São Sebastião em sua bandeira tão bela,
vem contando sua história da guerra que esteve nela.
A guerra que ele teve nela foi quando ele foi soldado,



Grupo de Folia de Reis de Piumhi/MG

para ele servir a Deus seu sangue foi derramado,
mas São Sebastião foi o primeiro soldado,
contra peste, fome e guerra ele é nosso advogado.

Aí você vai cantando as passagens até a seleção da bandeira, porque tem a passagem das flechas que foi colocada, muito sangue dele correu. Aonde ele foi? Eu acho que foi nos Jardins das Oliveiras que ele foi amarrado ao tronco. Muitos pede pra cantar. Você vai cantar um verso e a pessoa não entende o que você tá cantando. Tá homenageando, mas não sabe ouvir. O verso tem que ser explicitado pra você poder ouvir.

Antônio Pinto de Carvalho, Betim/MG



FESTEJANDO O ESPÍRITO SANTO: AS FOLIAS DO DIVINO

O culto ao Divino Espírito Santo se liga ao ciclo de Pentecostes, que no Cristianismo celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Os festejos desse ciclo ocorreram após a data que marca a ressurreição de Jesus Cristo, no Domingo de Páscoa. Essa invocação era presença marcante em Portugal, onde se celebravam as festas do Império do Divino Espírito, que consistiam em cerimônias de coroação de um Imperador, com a realização de fartos banquetes e distribuição de esmolas aos pobres. Acompanhando o tempo do Império do Divino, encontravam-se grupos de cantores e instrumentistas que andavam pelas ruas anunciando a aproximação da festa e exaltando os dons do Espírito Santo.



Tiradores de esmola para a Festa do Divino – Monte Alegre de Minas/MG. Fonte: Acervo da Brasiliana Digital – Biblioteca Nacional



Folia do Divino Espírito Santo

Essa devoção foi difundida nas ilhas e colônias portuguesas entre os séculos XIV e XVI, especialmente nas Ilhas de Açores. A população açoriana não apenas aderiu às celebrações do Divino, contribuindo para seu enraizamento e continuidade através das gerações, como teve um importante papel na transmissão dessas manifestações para as Américas.

Foi por meio das migrações de açorianos ocorridas tanto nos primeiros momentos da colonização, quanto em outros fluxos migratórios sucedidos nos séculos XVII, XVIII e XX, que esse culto chegou ao Brasil. As celebrações do Divino se conformaram como momentos de devoção religiosa, compostos também por cantos e danças profanas, jogos, barraquinhas, comidas e bebidas, e onde se agrupavam pessoas de diferentes camadas. Nesse contexto as Folias do Divino saíam de casa em casa anunciando o Império e arrecadando doações para a realização da grande festa, por isso eram chamadas de tiradores de esmola.

Durante o século XIX, as Folias do Divino, elemento fundamental da Festa, foram registradas por diversos viajantes que cruzaram o território brasileiro, tais como o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire que encontrou grupos de Folia do Divino nas províncias do Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais.

No Brasil, a Festa do Divino alcançou tamanha popularidade, que o título de Imperador atribuído a Pedro I, foi escolhido por José Bonifácio de Andrade Silva em 1882, justamente porque a população estaria mais familiarizada com esse título, vindo dos festejos do Império do Divino, do que ao nome de Rei.

A despeito das perseguições, intolerâncias e repressões, as festas e Folias do Divino, seguiram ocorrendo com o passar das décadas, mantendo a tradição de cultuar e festejar seu santo de devoção. Atualmente, ainda são celebrações presentes em diversas localidades do território brasileiro, sobretudo em Minas Gerais, onde existem vários grupos de Folia dedicadas a este santo.

TERRITÓRIO DE DEVOÇÕES: DIVERSIDADE NO CONTEXTO DAS FOLIAS MINEIRAS

Em Minas Gerais, além das Folias dedicadas aos Santos Reis, São Sebastião e Divino Espírito Santo, existem outros vários grupos que invocam diferentes santos católicos. No estudo foram identificadas outras 48 devoções que envolvem o culto da tradição católica, demonstrando a variedade de expressões no âmbito das Folias de Minas.

Essas devoções estão distribuídas entre diversos grupos por todo o território mineiro, mantendo os mesmos sistemas de organização tradicional das Folias. As diferenças são percebidas predominantemente na bandeira e nos cantos, que são construídos e adaptados para homenagear o santo de devoção correspondente.

Esses grupos comumente realizam seu giro em um curto período que antecede o dia do santo invocado, e, geralmente, realizam as festa de encerramento no dia em que se comemora o santo. Assim, as Folias circulam por um período que varia geralmente entre três e nove dias distribuindo graças, anunciando a festa que está por vir, recolhendo donativos para sua realização e cumprindo promessas. Esse período normalmente é marcado também pela realização de novenas, ladainhas, terços, levantamentos de mastro, entre outras celebrações.

Foram identificados grupos que saem para o Menino Jesus, realizando seu giro durante o ciclo natalino, outros que carregam a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, circulando predominantemente entre os meses de maio e outubro, bem como os que são devotos de Nossa Senhora Aparecida, cujo giro é realizado, geralmente, no mês de outubro. Há ainda aqueles que saem para o Divino Pai Eterno, nos meses de junho e julho, os que invocam São José, saindo durante o mês de março, e os que invocam Santa Luzia, estabelecendo sua jornada durante a primeira quinzena de dezembro. Destaca-se a Folia de Bom Jesus, que gira entre os dias 1º e 6 de do mês de agosto, com forte ocorrência no Norte de Minas e no Vale Jequitinhonha.

Nesse sentido, observa-se que podem ser encontrados grupos de Folia por toda Minas Gerais, circulando durante todo o ano, em devoção a uma diversidade de

Também ligadas às Folias e aos festejos populares do ciclo natalino, a tradição das Pastorinhas chegou ao Brasil por volta do século XVIII, compondo as encenações teatrais realizadas com personagens ligados ao nascimento de Cristo.

Consistem em grupos compostos especialmente por mulheres, às vezes também por crianças, que visitam as casas dos devotos e cantam a boa nova, geralmente diante de um presépio.

Possuem uma diversidade de personagens que, de acordo com o mito, estavam presentes no momento da natividade.

Uma das maneiras mais referenciadas de apresentação do grupo é a da organização em duas fileiras, com os personagens ao meio e os tocadores nas extremidades.



Editar legenda: Pastorinhas de Lagoa Santa/MG.

santos. Isto porque, além das datas fixadas pelo calendário litúrgico, muitos grupos realizam sua jornada em outros períodos, sempre que solicitados por fiéis para atender ao pagamento de suas promessas.

Ao longo dos anos, as Folias mantiveram suas práticas, conservando sua variedade de rituais, porém em constante processo de reinvenção e acréscimos de novos significados surgidos à partir das demandas sociais e dos contextos nos quais estão inseridas. Um exemplo é a realização dos encontros de Folia em datas diversas. Os grupos resistem, assim, ao enfraquecimento das tradições em um processo de contínua e permanente interação com as mudanças da sociedade. Essa capacidade de reinventar, de se apropriar do que há de novo e de ressignificar elementos antigos, dinamizando as práticas culturais, é o principal fator de permanência do que comumente chamamos tradição. Nessa mesma perspectiva, observa-se que a dinâmica e variação no modo de organização e construção nas Folias em Minas Gerais é algo marcante. É por meio da capacidade de se adaptar às demandas vivenciadas ao longo dos anos que essas organizações se mantem atuantes perpassando décadas e até mesmo séculos. Em muitos sentidos, a capacidade criativa

em questão está vinculada a um processo de resistência frente a forças hegemônicas que entram em choque com essas práticas.

Nesse sentido nota-se que ainda hoje as Folias se mantêm como uma presença frequente nas narrativas de quem já presenciou a manifestação, de quem é devoto e principalmente dos seus praticantes. É comum ouvir pessoas falarem que a Folia remete à infância, aos velhos tempos em que os familiares saíam pelas ruas, paramentados com suas violas, vozes e crenças para visitar as casas vizinhas cantando, levando bênçãos e recolhendo esmolas. Esse repertório de memórias individuais e coletivas, carregadas de afeto, saudade e fé, é constantemente alimentado pelo expressivo número de grupos de Folias existentes em cada bairro, distrito e cidade mineira. A presença ainda pujante das Folias contribui, portanto, de maneira significativa para a formação das identidades mineiras, trazendo sentidos de pertencimento aos seus habitantes.

> Sai de manhã geralmente, e a tarde o pessoal descansa, vão pras casas, que hoje em dia tem carro, tem tudo. Então deixa a bandeira com os instrumentos guardados nas casas que pedem. Primeiro a Folia chega e pergunta se pode deixar os instrumentos, se a Folia pode deixar a bandeira pousar na casa, sendo autorizado, aí tem o ritual de benzeção no final, segue a cantoria, deixa a bandeira na casa e os foliões vão embora. No outro dia retorna, pega essa bandeira e continua com a cantoria naquele dia.
>
> **Ricardo Pereira, Uberlândia/MG**

> A gente toca até uma certa hora e atende aquelas casas que foram agendadas. Porque tem muito evangélico que mora na região que não recebe. Então, teve uma época que a gente saía, enfrentando chuva e tudo, tocava e a pessoa não recebia, tocava em outra casa e a pessoa não recebia. A gente não sabia que era evangélico, né. Aí, foi onde a gente passou a adotar esse sistema de agendamento. Tem o telefone fixo do Osmar, as pessoas ligam, agendam com ele, a gente chaga lá. Tem dia que o pessoal liga lá em casa querendo saber onde que a gente vai tocar.
>
> **Joaquim Alves, Betim/MG**

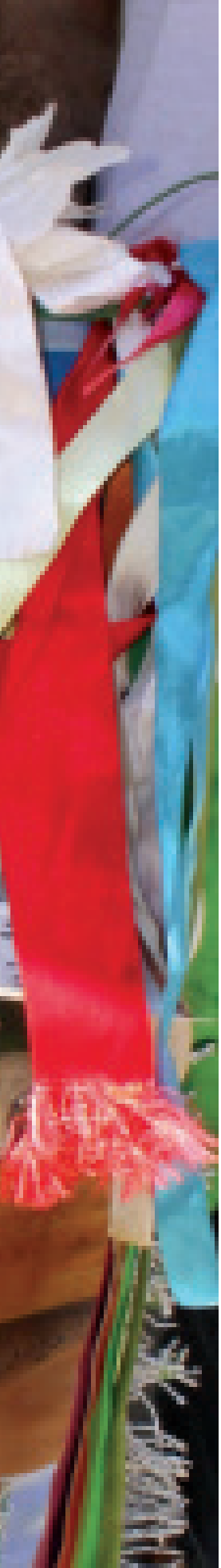
> Inclusive fizeram o grupo de Whatsapp, Folia de Santo Afonso. Toda a agenda... o pessoal já manda mensagem: hoje vai pra onde? Aí, já sai distribuindo mensagem de Whatsapp de acordo com o que eles fizeram pra ele agendar.
>
> **Giovani Oliveira, Betim/MG**



Grupo de Folia de Bom Jesus na cidade de São Francisco/MG



Bandeira com doações – Piumhi/MG



AS FOLIAS E SEUS ELEMENTOS

As Folias identificadas em Minas Gerais possuem inúmeras variantes nas formas de organização social, ritualística e devocional. Contudo, mesmo com tamanha diversidade, apresentam determinados elementos que as caracterizam especificamente enquanto este sistema religioso baseado na troca entre os fiéis e os seus santos de devoção.

AS PROMESSAS COMO O NÚCLEO DO RITUAL

Substantivo feminino do latim promissa, a palavra promessa pode designar 1) Ato ou efeito de prometer; 2) Coisa prometida; 3) Oferta, dádiva; 4) Compromisso ou 5) Voto, Juramento[1]. O vocábulo evoca, portanto, um acordo que é estabelecido entre partes que se obrigam mutuamente a determinadas atribuições. No âmbito do catolicismo popular, tais compromissos se dão entre este mundo, que é o território dos homens, e o outro mundo, o terreno do sagrado; morada de Deus, da Virgem Maria e dos santos. À primeira vista distantes há, uma aproximação entre esses planos, que são regidos por uma mesma ética de trocas baseada na dádiva, cuja eficácia está na relação entre o dar, o receber e o retribuir[2] .

Assim, na noção de promessa está contida a ideia de contrair uma dívida com a santidade pelo pedido de uma graça que, quando alcançada, deve ser paga ao santo. É dessa ideia que vem a própria lógica do ser devoto, que é oferecer um voto à divindade[3]. E são nos eventos rituais que essa "economia" do dom ganha contornos ainda mais definidos, pois são momentos onde as trocas simbólicas entre pessoas e santos acontecem de modo mais intenso.

As promessas tornam-se as bases fundamentais para a existência das Folias, por continuamente construírem, reforçarem e ampliarem as relações estabelecidas entre os devotos e os santos, como também entre os próprios devotos, criando amplas redes de trocas sociais e simbólicas. Fator principal pelo qual as Folias permanecem ao longo do tempo, as promessas é que fazem a Folia girar.

Em última instância, em muitas ocasiões, o próprio ato de formar uma Folia advém como retribuição a uma graça alcançada. Uma vez estabelecida, ela será a mediação entre o pagamento da promessa e os outros devotos.

> Os Três Reis Santos está velando por nós... E pela família. Tá intercedendo Maria, Jesus por nós, o menino Jesus. E eu estou no giro a fim de alcançar o nosso objetivo de paz, saúde, espirituais e materiais. E não é diferente que já alcançamos. Então, é muito importante você estar girando.
>
> **Antônio Eustáquio dos Santos, João Pinheiro/MG**

O pedido da intercessão do santo na vida do devoto se dá por necessidade e pode envolver vários domínios da existência, como a saúde pessoal ou familiar, a efetuação de determinado intento ou a dissolução de alguma crise, por exemplo. No sistema religioso das Folias, a sinalização favorável da divindade ao pedido, faz com que o devoto fique com a obrigação do pagamento, que pode ocorrer de diferentes maneiras, como o patrocínio a uma festa, a saída em jornada, o oferecimento de banquetes, a recepção dos grupos em casa ou dispor-se para alguma atividade, por exemplo.

O modo como se paga uma graça alcançada se relaciona diretamente ao conteúdo do que se pede, e a promessa da visita de uma Folia ao santo, provavelmente seja a retribuição mais considerável para o devoto. Uma única promessa pode obrigar a retribuição do devoto ao seu santo por toda uma vida, ao passo que há fiéis que recorrem a vários votos ao longo da vida. Em um ou outro caso, são primordialmente nas jornadas que se estabelece a transação com o sagrado.

O tempo em que se transcorre a prestação de uma promessa pode variar e depende de uma série de variáveis, dentre as quais a disponibilidade financeira e social para o festejo. Na maioria das situações, o pagamento ocorre nas datas específicas dos ciclos festivos de cada santo de devoção. O período ligado ao nascimento do Menino Jesus e à visita dos Santos Reis se dá entre dezembro e janeiro; o referente a São Sebastião, em janeiro; a celebração do Divino Espírito Santo, entre maio e julho; aquele em homenagem ao Senhor Bom Jesus, no mês de agosto.

Todavia, também é comum que os grupos recebam convites para auxiliarem algum fiel no pagamento de promessas em outras datas. Nesses casos, não há obrigatoriedade do giro acontecer nos períodos específicos dos santos de devoção, podendo ocorrer conforme a necessidade dos devotos.

> A pessoa pede. Esse ano mesmo tem essa menina que saiu com nós esse ano, ela teve um problema de tireoide. Aí até fui eu que fiz a promessa, a gente vai, canta na casa, a gente canta uma música que tem o dom de graça. Aí depois reza o Pai Nosso. Nós vamos a três casas, a gente vai rezar o Pai Nosso ajoelhado, aí a gente vai e paga.
>
> **Maria Miranda, Caetanópolis/MG**

A BANDEIRA COMO GUIA DOS CAMINHOS

Os objetos materiais nas Folias, assim como em todas as manifestações tradicionais, integram de modo evidente o universo simbólico religioso no qual estão inseridos, estabelecendo mediações entre domínios sociais e cosmológicos diversos.

Uma cena recorrente para quem participa dos giros das Folias é perceber que quase todos os grupos são precedidos por um item levado nas mãos por um dos foliões, que vai sempre à frente dos demais. As bandeiras, como são chamadas, são artefatos geralmente confeccionados em tecido, que estampam as figuras da filiação devocional dos grupos, entremeadas por fitas coloridas, flores, brilhos, rendas, etc.

A bandeira pode ser pensada como um suporte sobre o qual são fixadas imagens de santos católicos e representações pictóricas de narrativas bíblicas. Pode ser compreendida também como uma espécie de estandarte que ostenta as imagens dos santos padroeiros e, ao mesmo tempo, identifica uma associação de pessoas organizadas em seu entorno[4] .

Assim sendo, para uma Folia de Reis, a iconografia da bandeira irá conter determinados elementos da cena da adoração ao Menino Jesus: os Três Reis Magos, a estrela guia, a Sagrada Família, os animais, etc. Já para o caso de uma Folia de São Sebastião, a representação do mártir flechado é que irá figurar no objeto religioso, ao passo que em uma Folia cuja devoção é Nossa Senhora do Rosário, será a imagem desta santa que estará pintada ou costurada ao tecido.

Mais do que somente identificar e distinguir as Folias, as bandeiras são objetos consagrados que guiam os grupos, sacralizando os espaços para o acontecimento ritual, motivo pelo qual sempre assumem a dianteira dos giros. Apesar de ser um elemento circunscrito ao grupo, no momento do ritual ele permanece em plena circulação pelas mãos dos devotos, partilhando entre todos os presentes a potência da relação com o sobrenatural. Em última instância, ela é a presença concreta da divindade junto aos fiéis[5] .

Durante o ritual, os devotos se ajoelham diante da bandeira em sinal de reverência, beijam e levam-na para todos os cômodos da casa com a finalidade de abençoar o lar, uma vez que o artefato é dotado de poderes mágico-religiosos. Em muitos casos, as esmolas ofertadas são penduradas diretamente no tecido do objeto, e no momento das cantorias, ela está em posição de destaque. Portanto, as bandeiras promovem a unidade, tanto dos grupos de Folias, quanto dos demais devotos que compartilham desse sistema de crenças, desempenhando um importante papel no ritual.

Os grupos que não fazem uso específico da bandeira acabam substituindo-a por outros suportes que intermediam a relação com o sagrado, como oratórios, presépios ou registros.

> Uma Folia não sai sem o registro, alguns lugares chamam de bandeira, alguns lugares registro, mesmo. O registro da Folia, o que contém no registro? É tipo uma caixa de madeira e no fundo dela tem uma estampa da Sagrada Família – Jesus, Maria e José. O menino Jesus na forma do nascimento dele, na manjedoura – do lado nós temos o retrato dos três Reis Magos – Belchior, Gaspar... – e algumas fitas. Essas fitas coloridas simbolizam também que cada casa, às vezes, que a Folia vai, a pessoa prega uma fita sob o registro. E ela vai à frente da Folia e a Folia não pode sair se não tiver ali o menino Jesus. Por quê? É aquilo ali que nós estamos anunciando[6] .

Seja de qual natureza forem tais objetos sagrados possuem forte importância na perspectiva simbólica desse universo, não somente por sua materialidade, mas especialmente pelo caráter sagrado que carrega, manifestado por sua relação com as promessas e os sacrifícios praticados.

> A função da bandeira, ela é a nossa guia. Sem a bandeira nós não podemos girar. Porque veja você, a hora que chega num recinto, igual uma residência, a bandeira é a primeira a entrar. Porque o alferes pergunta se eles aceita a visita dos Três Reis Santos que está na bandeira e os foliões, né? Mas, primeiro é os Três Reis Santos que está na bandeira. Então, nós não podemos andar sem ela. É a nossa guia.
>
> **Antônio Eustáquio dos Santos, João Pinheiro/MG**

> Nós não podemos sair sem a bandeira. Com as nossas tradições a bandeira é a nossa ferramenta primordial. Então a bandeira significa para nós a nossa proteção. É a nossa guia. Porque a bandeira, as pessoas pega ela e beija a bandeira. Esse é o significado, muitas vezes, da gente visitar as casas e as pessoas pede pra visitar, pra gente fazer a visita pra eles. Nós não saímos sem a bandeira. Não tem sentido para nós, folião sair sem a bandeira. São coisas que vem lá do fundo, lá do fundo pra chegar aqui.
>
> **Antônio Pinto de Carvalho, Betim/MG**

> O Santo é a bandeira. Sai a Folia carregando a bandeira muito bem enfeitada com santo né? Uma coisa muito bem feita com muita alegria e com muito respeito e o povo recebe com muita satisfação.
>
> **João Raposo, São Francisco/MG**

A LIDERANÇA DO MESTRE NA HIERARQUIA DO GRUPO

Os grupos de Folias se estruturam através de posições hierarquicamente distribuídas e que estão vinculadas ao domínio que cada folião possui sobre os fundamentos, que são os conhecimentos e saberes mágico-religiosos que conformam e dão sentido à existência das Folias. Os capitães, cabeças, guias ou embaixadores são aqueles que ocupam a posição mais elevada na organização dos grupos.

A autoridade deste mestre está, em grande medida, ligada a um profundo conhecimento dos princípios que foram sendo cuidadosamente adquiridos durante um longo tempo de vivência nas Folias. Geralmente, o mestre é o responsável pela primeira voz, ou seja, quem inicia todos os cantos e profecias durante as celebrações. Em muitos casos, seu reconhecimento está acima até mesmo ao do próprio dono da Folia, que é pessoa que levantou a bandeira em razão de promessa ou de herança.



Capitão de Folia afinando os instrumentos – Arceburgo/MG

> Ah, isso aí tem que ter muito estudo, e tem que ter... Conhecimento tem que ter esperteza, inclusive assim. Porque qualquer gesto que uma pessoa faz, você chega na casa dela, aquilo representa alguma coisa, então o embaixador tem que ficar atento e saber o que ele representa, e tem que ter as rimas, porque as cantorias é rimada, e então tem que cantar dentro daquilo que representa e dentro da rima também.
>
> **Ricardo Pereira, Folião do município de Uberaba/MG**

Contudo, sua liderança extrapola a condução musical, se estendendo também aos aspectos político, ético, moral e religioso da Folia.

> Porque a Folia de Reis é uma coisa muito séria, é preciso das pessoa que anda com ela respeitar. Nós aqui, a turma minha que anda, sofre muito comigo, eu sou muito sério e rígido, nós anda eu não aceito algazarra, se nós anda de noite eu quero que anda calado, se chega nas casa eu não gosto que fica olhando aqui, olhando acolá, cama dos outro, não, o negócio tem que ser firme porque a Folia é Folia, e a minha eu considero uma caravana mesmo. Graças a Deus até hoje eu nunca tive reclame de canto nenhum que eu andasse, todo canto que nós vai o povo quer que a gente volta, quer que a gente volta né, importante, a Folia de Reis é uma coisa sagrada, uma coisa muito boa.
>
> **José Leal Pereira, Mestre de Folia de Jequitibá/MG**

Devido à sua autoridade, o mestre possui, portanto, a precedência nos acontecimentos rituais, fazendo com que os demais participantes se submetam às suas ordens, já que ele é o maior detentor dos fundamentos.

Porém, não basta apenas seguir os comandos, mas deve-se também compartilhar desses conhecimentos. É precisamente na partilha desse conjunto de saberes entre os foliões que reside toda a eficácia do ritual.

> [...] o conhecimento, a gente que tá acompanhando, antes de ir lá embaixar, eu andei três anos só na resposta, fazendo primeira voz, terceira voz. Então tudo que ele fazia eu estava ligado, estava acompanhando. Então, o que eu não aprendi ou o que ele deixou de me passar ele passa pra todo mundo, como ele chega numa casa, como ele agradece uma esmola de um jeito, de uma pessoa que ajoelha, uma pessoa pagando promessa, de quem está fazendo uma promessa naquela hora. Então, isso o capitão ensina pro outro que está querendo aprender, não tem nada de esconder, ou alguma coisa assim não.
>
> **Ricardo Pereira, Uberlândia/MG**

A PRESENÇA FEMININA E OCUPAÇÃO DOS CARGOS

Abaixo dos mestres, os grupos de Folias dispõem de outros cargos e funções necessárias ao pleno exercício do ritual. Em Minas Gerais, o número de pessoas que compõe os grupos é bastante variável, sendo que a média é entre onze e vinte membros efetivos.

Na estrutura dos grupos, abaixo do mestre, segue-se o contramestre ou contra guia, que é o responsável por auxiliar aquele no ritual e que, geralmente, entoa a segunda voz nos cantos. Para ocupar este cargo, deve-se ter certo domínio dos fundamentos, pois, na falta do mestre, o contramestre é quem deverá estar preparado para substituí-lo.

O alferes da bandeira ou bandeireiro é outro cargo comum nos grupos e refere-se, como o próprio nome indica, ao indivíduo responsável por segurar a bandeira durante os deslocamentos, assumindo a frente do grupo. Uma vez que está na responsabilidade de manusear o artefato sagrado, é necessário o ocupante desse cargo possua conhecimentos bastante



Mulheres cantando e tocando no grupo de Folia Cia. do Placa – Uberaba/MG

específicos para este fim, bem como para todos aqueles em que a bandeira assume lugar central no ritual. Em alguns casos, aquele que conduz a bandeira é o mesmo que coleta os donativos ofertados ao grupo. Entretanto, em determinadas Folias, há um cargo específico para o recolhimento das esmolas ou de outras doações feitas aos grupos.

Em sua maioria, os demais cargos são ocupados por cantadores, que geralmente são designados a partir da altura de voz em que ocupa, e os tocadores, nomeados mediante o instrumento que tocam, tais como violeiro, sanfoneiro, caixeiro, pandeireiro, entre outros. Especificamente para o caso das Folias de Reis, há alguns grupos que adotam, dentre seus integrantes, os personagens dos Três Reis Santos: Gaspar, Baltazar e Belchior.

As Folias tem caráter marcadamente patriarcal. Em um passado recente, inclusive, não se admitia a presença de mulheres na estrutura formal do grupo. As exceções só ocorriam quando as promessas eram feitas por uma mulher, ocasião na qual se admitia sua presença como acompanhante.

O lugar das mulheres em muitos casos correspondia aos "bastidores" da festa, coordenando os trabalhos da cozinha, como lavar, cortar e preparar os alimentos, além de também cuidarem das fardas dos foliões, chapéus, toalhas e outros elementos. Contudo, apesar de haver uma predominância de homens adultos entre os indivíduos que integram as Folias, observa-se que a participação de mulheres, e mesmo de crianças vem aumentando dia a dia. Em determinados grupos, as mulheres costumam dominar a "requinta" ou a sexta voz, subdivisão responsável por finalizar os versos cantando em timbres mais agudos. É cada vez maior também, a participação de mulheres nos encontros de Folia ocupando cargos de patrocinadoras da festa, nas cantorias, como tocadoras de instrumentos e/ou bandeireiras. Assim como é crescente o número de grupos com composição somente de mulheres, geralmente intitulados como Folia Feminina.



Foliã no cortejo das folias realizado em Belo Horizonte

A MÚSICA COMO LIGAÇÃO COM O SAGRADO

> Folia de Reis é um hino que tem a cadência de vozes, cada voz no seu lugar, primeira, segunda, terceira voz, e cada voz é diferente da outra. É a união das vozes que torna a melodia bonita, então, se está passando uma voz sozinha fica feio, a melodia fica feia. Então a união das vozes, a melodia que torna-se a Folia, o hino de Reis.
>
> **Ricardo Pereira, Uberlândia/MG**

> Mas na maioria das vezes, todos os foliões, o que eles precisam ter é fé, mais nada. Eu acho que a fé em primeiro lugar é tudo. Por que pra ser capitão, pra ser folião, parece que Deus dá o dom pra aquela pessoa cantar, mas se ele não tiver fé eu acho que ele não consegue cantar. É um milagre você ver vários coroinhas ai, vê a pessoa começando a cantar, tá bonito, e então parece que é uma coisa que você nem via, aquela pessoa muito bom pra cantar no fundo de igreja, e hoje tá cantando, tá embaixando. É um pouco também o dom que Deus dá pra todos.
>
> **Wesley Vieira Silva, Uberlândia/MG**

Não existe Folia sem música. Mais do que um elemento meramente estético do ritual, o fazer musical dos foliões está profundamente conectado às experiências que estes estabelecem com o sagrado vivenciado no momento das jornadas.

A performance musical dos foliões conjuga determinados ritmos, melodias e cantos que conduzem os presentes a sensações emocionais e condutas corporais específicas que são criadas pelo ambiente sonoro próprio do ritual. Os cantos das Folias podem ser compreendidos a partir da articulação entre o texto e a música, logo, na fronteira entre fala e som[7] .

Assim, em relação ao texto, os versos cantados e narrados fazem referência às profecias vinculadas aos santos de devoção. Os grupos de Folia de Reis, por exemplo, concentram suas narrativas no nascimento de Jesus Cristo e na visita dos Santos Reis, ao passo que as Folias de São Sebastião exaltam a coragem do santo guerreiro na sua condição de soldado e mártir.

O repertório de versos é baseado nas escrituras bíblicas e recriado no imaginário popular, além dos improvisos e das criações livres, que são comuns entre os foliões no momento dos giros. Os versos entoados geralmente são transmitidos pelos mais velhos de forma oral ou escrita, através de manuscritos. O conteúdo dos versos geralmente acompanha os deslocamentos das jornadas e as necessidades de cada etapa do ritual. Para cada ocasião, é fundamental o domínio de determinado conjunto de versos e a capacidade de

responder às demandas que possam aparecer, tais como os desafios propostos ou pelo dono da casa ou outro grupo de Folia que aparecem pelo caminho.

Os cantos se estruturam por meio de perguntas e de respostas e possuem uma cadência específica das vozes, cada qual com uma altura característica. Em determinadas Folias predominam um conjunto vocal de quatro a seis vozes. Nesses casos, após o mestre iniciar determinado canto em conjunto com o contramestre, as demais vozes vão abrindo tons de forma harmônica, finalizando com a voz mais aguda do grupo. A primeira, segunda e terceira vozes são aquelas mais graves, ao passo que a quarta, quinta e sexta vozes são as mais agudas, fazendo com que o final dos versos se prolonguem a uma altura maior. Em grupos que possuem um número menor de vozes, os tons alcançados tendem a ser mais baixos.

Com relação à música, o conjunto instrumental básico de um grupo de Folia pode ser pensado a partir da viola de dez cordas, do violão, da caixa (tambor) e do pandeiro. No entanto, esse conjunto pode variar bastante, devido às particularidades de cada grupo de acordo com a devoção, a região e à sua própria história. Assim, além desses instrumentos básicos, uma Folia pode utilizar ainda: cavaquinho, sanfona, rabeca, chocalho, tamborim, triângulo, cuíca, violino, dentre outros.

A opção por utilizar determinados instrumentos depende do modo como se dá a construção sonora de cada grupo. Com exceção dos instrumentos entendidos por sua grande relevância, tais como as violas, violões, caixas, pandeiros e sanfonas, os demais são incorporados à medida que determinada pessoa demonstra interesse em compor o grupo.

Existem determinados instrumentos neste conjunto instrumental, que são hierarquicamente mais importantes que outros. Nesse sentido, a viola de dez cordas e, em alguns casos, a sanfona são instrumentos muito importantes entre um expressivo número de grupos de Folias. Muitos mestres e contramestres têm como responsabilidade o domínio desses instrumentos. É comum que as pessoas que fazem a primeira e a segunda vozes tenham como principal função o toque da viola, o que revela a importância desse instrumento para os integrantes desse universo cultural.

Os cavaquinhos tornaram-se instrumentos muito comuns entre os grupos de Folia. Devido a sua intensidade sonora, fato importante pela falta de amplificação durante os giros, esse instrumento é encontrado em grande parte das Folias de Minas Gerais. Outros instrumentos de corda como bandolim, violino, banjo e até instrumentos de sopro como saxofone, escaleta e flautas também aparecem nas Folias mineiras, ainda que raramente.

A sanfona, de vários tipos e tamanhos, também deve ser tratada como instrumento diferenciado dentro dessa organização musical. Por ser um instrumento complexo, o responsável por tocá-la possui um reconhecimento distinto perante os demais foliões. Em determinadas regiões, a função da sanfona é substituída pela utilização da rabeca.

Companhia de Santos Reis de Sacramento/MG

A MISTERIOSA FIGURA DOS PALHAÇOS

> Palhaço é de muita fundação porque quando os três reis passaram na porta de Herodes e foi lá pra onde estava o menino ele esbarrou eles. "Onde que vocês vai e tal?" Ele queria saber. Dizendo ele que ia adorá-lo também. Não é adorá-lo, não. Todo mundo sabe que não é. Mas eles [Santos Reis] não contaram. Tiveram a intuição pra não falar. A hora que chegou lá tiveram outra intuição pra volta: não passar na porta do rei mais. Voltaram para o outro caminho. Enquanto ele estava conversando com os reis, os palhaços estavam dançando na frente dele. Entreteu olhando pros palhaços e os reis e ó... Depois tirou a máscara e ninguém reconhecia. Foi criado pra isso mesmo.
>
> **Antônio Eustáquio dos Santos, João Pinheiro/MG.**

Um personagem encontrado com frequência em muitas Folias mineiras são os palhaços, também conhecidos por bastiões ou marungos. A referência a essas figuras tem fundamentação em passagens bíblicas tanto do Antigo quanto do Novo Testamento que tratam, respectivamente, da vinda de Jesus ao mundo e da aparição do Anjo Gabriel para a anunciação do nascimento e, consequentemente, da viagem dos Magos do Oriente para adoração ao Menino Jesus na manjedoura. Portanto, essas figuras estão ligadas, muito especialmente, às Folias de Reis.

Algumas Folias vinculadas a outras devoções, no entanto, também têm o palhaço como integrante do grupo, pois destacam sua presença como um importante momento exaltado pelos devotos dentro do pagamento de promessas. Há, ainda, certos grupos que não possuem palhaços por não terem ninguém em sua comunidade que tenha condição de assumir tal cargo.

Nos grupos onde estão presentes, podem variar entre dois ou três, se apresentando com máscaras de aparência caricata e indumentárias feitas com tecidos coloridos, tais como a chita, ou de farrapos, assumindo movimentos e gestos mais livres. Suas apresentações são expressivas e teatrais, com diversas acrobacias que são feitas em determinados momentos do giro.

Em razão desse comportamento brincante, os palhaços contrastam fortemente com a figura dos foliões, que geralmente são vinculados à formalidade que o ritual exige. Ao mesmo tempo, esses seres mascarados são considerados grandes conhecedores das profecias, além de dominarem determinados conhecimentos para resolver conflitos próprios ao ambiente.

Isso revela, portanto, a posição de ambiguidade que os palhaços ocupam nesse sistema. Por estar nessa condição liminar, esse personagem é tratado com a cautela que o ritual



Palhaço no Cortejo no Dia de Reis - Belo Horizonte/MG

necessita. A posição ambivalente que o palhaço ocupa no sistema religioso das Folias, faz com que ele circule pelas margens ocupando, ao mesmo tempo, um lugar de pureza e de perigo[8] neste espaço/tempo festivo.

Uma vez no polo do "perigo", ao palhaço são impostas certas restrições tais como a impossibilidade de entrar em igrejas ou de se aproximar dos presépios quando está mascarado. Ele também é proibido de fazer as refeições junto aos demais foliões, e há certo receio de



Palhaços de Folia de Reis – Arceburgo/MG.

encostar na roupas sagradas dos palhaços. Mudando de status na estrutura, no polo da "pureza", o palhaço assume ativo papel no ritual, sendo um verdadeiro guardião da Folia e, principalmente, de sua bandeira. Neste outro lugar, o palhaço também auxilia o mestre, podendo até substituí-lo ocasionalmente.

Antes da abertura das jornadas e também no fechamento dos ciclos, os palhaços são submetidos a determinados rituais, geralmente marcados por uma aproximação com a bandeira, em uma espécie de "batismo" ritual[9] . Especificamente nas Folias de Reis, é recorrente que os palhaços carreguem certas características relacionadas aos próprios Santos Reis, tal como aparecem nas iconografias que os retratam. Assim, o palhaço ligado ao Rei Gaspar é representado como alguém jovem, ao passo que o palhaço vinculado a Baltazar, égeralmente representado como um negro vestido na cor vermelha. Por fim, o palhaço relacionado a Melchior (ou Belchior) é representado como um personagem mais velho.

NOTAS

1. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA; Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos (coord.). 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

2. MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

3. Cf. PEREIRA, Luzimar. Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as Folias em Urucuia, MG. 440p. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

4. BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de reis. 2008, 191f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2008.

5. PEREIRA, Luzimar. Os giros do sagrado... p. 116

6. Ponto de Informação Histórica - Memórias da Mata Mineira: Laranjal – Folia de Reis.

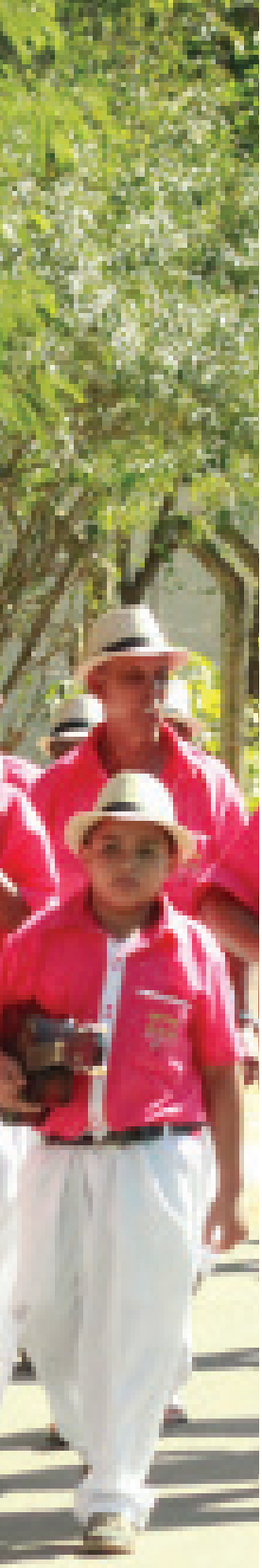
7. CHAVES, Wagner D. Canto, voz, presença: uma análise do poder da palavra cantada nas Folias norte-mineiras. Mana, (20)2, 2014, p. 249/280.Realização: Museu de História e Ciências Naturais – 2010. DVD (13'19")

8. DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1966.

9. BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara... 2008, p. 150.



Grupo de Folia de Reis em Encontro de Folias na Quinta do Sumidouro - Pedro Leopoldo/MG



FOLIAS: UMA CELEBRAÇÃO EM MOVIMENTO

É na ocasião das jornadas que as práticas devocionais das Folias adquirem maior expressividade, uma vez que é o momento no qual os laços sociais se fortalecem de modo muito marcante. É neste tempo ritual que as relações estabelecidas entre os devotos e suas santidades se intensificam e o sagrado passa a reger a vida dos participantes envolvidos nas Folias.

Sobre os percursos executados nas jornadas, é comum que muitos grupos já tenham ajustado, de antemão, o circuito a ser percorrido. Neste sentido, os foliões já sabem quais casas serão visitadas, pois os devotos procuram os grupos com antecedência e sinalizam a vontade de receberem a Folia em nome do seu santo de devoção.

A participação dos foliões nas jornadas implica inúmeras rupturas com o mundo cotidiano. De tal modo, todo um esforço é despendido na direção de criar possibilidades de estarem presentes durantes as longas jornadas festivas.

Essas peregrinações são entendidas pelos foliões como um sacrifício religioso oferecido aos santos através de um reconhecido sofrimento do corpo e da alma. O afastamento temporário do espaço cotidiano, abdicando-se do trabalho, da família e da própria casa, eleva esses sujeitos a um patamar de doação ao outro, estabelecendo laços de trocas horizontais com os devotos responsáveis pelas promessas, e verticais, relacionados ao sagrado e à afinidade desenvolvida com os próprios santos de devoção. Os integrantes das Folias percebem que a participação no evento religioso pode ser fonte de certos benefícios sagrados. Movidos por sua devoção, cantadores e tocadores acreditam fortemente que as divindades ajudam aqueles que têm a missão de conduzir as peregrinações em seu nome.

A unidade mínima de uma jornada é, portanto, a visita à casa de um devoto que quer pagar sua promessa. Observa-se, nesse espaço/tempo ritual, toda a sequência básica de ações de um grupo de Folia, tais como chegada, entrada na casa, distribuição de bênçãos, refeição, apresentação dos palhaços, ofertas, agradecimentos e despedida.

A SAÍDA

E uni-vos os foliões,
Está na hora verdadeira,
Pra rezarmos este terço,
Sair com a bandeira,
Pra rezarmos para os três Reis,
Também para pedir Maria,
Com licença dos festeiros,
Tirar a nossa guia,
E despeço de vocês,
Que já vou nos retirar,
Com a guia dos três Reis,
Já vamos viajar

Folia de Reis Arceburguense, Arceburgo/MG

Os procedimentos rituais que antecedem a saída de uma Folia são de fundamental importância, pois têm como objetivo realizar a "passagem" do tempo-espaço cotidiano para o tempo-espaço ritual, os procedimentos rituais que antecedem a saída dos integrantes são de fundamental importância, pois têm como objetivo realizar a "passagem" do tempo-espaço cotidiano para o tempo-espaço ritual. E nessa passagem, a bandeira, desempenha um importante papel de proteção e, ao mesmo tempo, de consagração do espaço percorrido.

A preparação para a saída dos grupos tem por costume ocorrer em algum lugar de importância para o grupo, geralmente a residência do dono da Folia, do mestre ou do imperador da festa do ano. Assim, todos os foliões se reúnem na casa central para que possam dar início ao ciclo de visitações. Muitos grupos mantêm a bandeira em um altar juntamente com imagens dos santos de devoção onde, aproximado o horário de saída, todos se reúnem e ali iniciam as orações necessárias. A forma que cada grupo conduz esse momento é diversa, sendo que muitos optam por rezar o terço na companhia de seus familiares.

Nesse contexto, a musicalidade possui um papel central, pois todos os enredos e narrativas passam a ser dramatizados a partir dos versos e orações musicadas. Trata-se, sobretudo, de um período de grande concentração onde as preces e as orações dos foliões são entoadas em adoração aos santos de devoção, com o objetivo pedir proteção pelos caminhos que irão percorrer.



Folia de Reis da Comunidade Quilombolas dos Arturos - Contagem/MG

A VISITA

Encerrando esta homenagem
Com a bandeira na mão
Pra saudar o dono da casa
Nessa sua permissão

Pra falar o seu letreiro
Espalhado aqui no chão
Consagradas profecias
Que escreveu com devoção

Os Bastião vão declarar
Como manda a tradição
Nessas palavras da vida
Pra cumprir sua missão

Folia de Reis Arceburguense, Arceburgo/MG

Senhor Bom Jesus da Lapa
É um santo virtuoso
Abalou gente de longe
Pra ver pai tão amoroso
Cidadão e senhora dona
Vêm beijar essa bandeira
E tomar conhecimento
De nosso pai verdadeiro

Folia de Bom Jesus da Comunidade Quilombola de Buriti do Meio, São Francisco/MG

No momento que antecede a entrada da Folia em uma residência, a concentração é grande e o silêncio torna-se fundamental. Quando a devoção é para os Reis Magos, o mestre e o contramestre iniciam os primeiros toques e versos anunciando a chegada dos Santos Reis e na sequência, pedem licença para que o grupo possa entrar a casa. O morador vem, então, ao encontro do grupo reverenciando e beijando a bandeira. O bandeireiro transfere o objeto para o devoto que, na continuação, a conduz para o interior da casa,

seguido dos foliões. A solenidade da passagem da bandeira para o dono da casa marca, no âmbito do ritual, a criação do vínculo devocional.

A bandeira torna-se, assim, um elemento carregado de poder, onde todos os que ali estão presentes a tocam e beijam com a esperança de receber bênçãos e proteção espiritual. Muitas vezes, os devotos costumam também passar as fitas coloridas da bandeira em seus corpos, especialmente no rosto ou no pescoço. Em outros momentos, os fiéis mantêm longos diálogos com a bandeira como se estivessem, de fato, em contato com os santos.

Já no interior da casa, seja de frente para um presépio ou para um altar, o grupo inicia as canções de adoração às santidades, configurando um momento de intensa emoção entre os presentes. A sala é habitualmente o espaço usado para receber os grupos, sendo que os foliões normalmente não têm permissão para entrar nos cômodos mais íntimos da casa, um privilégio que é restrito à bandeira pelo seu poder de purificação do ambiente e dos fiéis.

Após o período solene das cantorias ocorre o intervalo de descanso dos foliões. Neste momento, os donos da casa costumam retribuir a visita com oferta de comidas e de bebidas previamente preparados para a ocasião. Abre-se assim, um espaço de maior descontração e de interação informal entre foliões e devotos. Em alguns locais, os próprios foliões tocam músicas de caráter lúdico, de modo a divertir e animar os donos da casa e seus familiares. É neste momento que se iniciam as brincadeiras dos palhaços, que podem ocorrer em algum local dentro ou fora da casa, permanecendo ao critério dos residentes.

Faz parte dessa ocasião a declamação dos versos memorizados ou improvisados, denominados chulas, que variam de acordo com as circunstâncias do ato. Nesse momento, tocadores de instrumentos de percussão, juntamente com os demais foliões, formam uma orquestra para acompanhar a performance do palhaço, entremeando suas falas. Observa-se que as intervenções dos palhaços possuem um caráter fortemente cômico, tendo muitas vezes o público e mesmo o próprio dono da casa, como alvo de suas brincadeiras.

Após o fim da refeição e das brincadeiras, o mestre reúne novamente os foliões para as bênçãos finais, os pedidos de donativos e os agradecimentos. Durante a doação de alimentos para a festa de encerramento e as ofertas em dinheiro, é comum que notas sejam fixadas diretamente na bandeira ou nas fitas. Neste momento, a bandeira realiza uma de suas muitas mediações, operando uma espécie de "limpeza" no dinheiro recebido.

Ao anunciar a saída da bandeira, uma sequência dos cantos de despedida tem entrada. Após todas as formalidades ritualísticas, o mestre sinaliza o término da visita. É hora do grupo se dirigir para outra residência dando continuidade à peregrinação.

[...] porque lá na minha região, lá em Pedra Preta, tinha aquela tradição dos ternos de Folia, então meu pai era muito devoto em todas as épocas das Folias, então meu pai sempre convidava os ternos pra ir lá em casa, os terno de Folia pra ir em casa. E ali eu ficava assim, muito admirado dos foliões tocando aquela violinha e cantando aqueles guaiano, e as Folias ali, por exemplo, chegava 3 horas da manhã na porta, na casa e quando a gente via , assustava, eles iniciavam os cântico, e a gente não via, era uma coisa tão bonita, tão respeitada, feita com tanta devoção que quando a gente percebia, eles iniciavam o cântico da porta de casa sem a gente vê eles chegando. Engraçado que, assim, os cachorro né, nem cachorro latia, eu não sei como eles fazia pra, e chegava tão de mansinho assim que nem os cachorro eu acho que não via.

Moisés Montes, violeiro e folião de Montes Claros/MG

Na região nossa tá a mesma coisa, num mudou quase nada, tá a mesma coisa de quando eu era pequeninho. Porque eu me lembro de coisa de quando eu tinha três anos. Quando eu tinha oito anos, dez anos, a Folia de reis chegava lá na casa do meu pai a noite e o dono da casa não acordava. O folião entra quando o dono da casa acorda já é com a pancada do toque [som] né? As vezes ele tá acordado, mas num vê os folião entrar. Entra caladinho! Sem fazer barulho, quando o dono da casa vê a pancada do toque, aquilo é bonito demais. É assim na região por aqui até hoje é. Agora mais pra fora, em outras regiões já num é assim. Tem essa diferença. O folião chega, o dono da casa já tá esperando com a porta só serrada, serrada quer dizer, encostada, num é trancada.

João Raposo, violeiro e cabeça de Folia de São Francisco/MG



Folia de Reis da Comunidade Quilombolas dos Arturos - Contagem/MG

A COMUNHÃO EM TORNO DO ALIMENTO

Vamos agora agradecer,
Vamos agora agradecer, oi lará;
nossa grata refeição, oi larê, lará

Os três reis do Oriente,
os três reis do Oriente, oi lará;
onde está a santa benção, oi larê, êêê

Agradeço ao seu convite,
Agradeço ao seu convite, oi lará;
E também o bom café, oi larê, lará

O seu nome está gravado,
o seu nome está gravado, oi lará;
no livro de santos reis, oi larê, lará

Agradeço as cozinheiras,
agradeço as cozinheiras, oi lará;
isso é toda Companhia, oi larê, lará

Os três reis que traz saúde,
os três reis que traz saúde, oi, lará;
toda hora e todo dia, oi larê, lará

Agradecimento do almoço, Folia de Reis Arceburguense, Arceburgo-MG

As refeições cumprem um papel fundamental nas celebrações das Folias, uma vez que os rituais se desenvolvem na comunhão dos devotos em torno da mesa. Todo o ciclo festivo envolve a aquisição de alimentos, sua preparação e consumo coletivo, pois o alimento liga os foliões entre si e estes com as suas divindades.

Durante as jornadas, a cada casa visitada, os foliões são recebidos com abundantes baquetes. Os moradores, na posição de anfitriões, possuem a obrigação moral de retribuir a visita da

bandeira e o pagamento à promessa feita, dando de comer aos foliões. Neste sentido, a fartura é o princípio central da comensalidade; deve-se oferecer e comer irrestritamente.

O cardápio envolve prioritariamente os alimentos cozidos, com grande importância dada à carne. Nos almoços ou jantares, são comuns aquelas refeições que são reforçadas o bastante para repor a energia das jornadas, tendo o arroz e o macarrão sempre a mesa.

A feitura, oferta e partilha do alimento são, portanto, partes fundamentais da ética de festejar das Folias, a máxima comunhão dos devotos entre si e com os santos, já que "comer junto é aliar-se. Companheiro vem de cum panis. Comer o pão ou provar o sal é imanar-se, solidarizar-se".

> Já tem os pontos certinho de almoço, tem os pontos certinho de janta. Por exemplo, se a Folia de Bom Jesus é de dia? Então tem ponto de almoço. Quando faz a boquinha da noite, terminou o giro agora é janta, uns dorme naquela casa da janta outros vai dormir em casa que às vezes é perto, outros vai pra casa dum amigo por alí... certinho, "agasaia" todo mundo! E almoço pra todo mundo, onde que a gente tiver, tem hora que tem mais de cinquenta pessoa mais a gente né? Igual os folião vai naquela procissão duma casa pra outra, o dia "intirim", e na casa que chega todo mundo é servido.
>
> **João Raposo, São Francisco, 20/09/2016**

> É igual o ditado que muitas pessoas falam né: 'Em festa de Santos Reis, em evento de Santos Reis, nunca falta comida.' Parece até que é um milagre que acontece ali no momento que não falta comida.
>
> **Osnir Rodrigues, Uberlândia/MG**



Prato de comida servido aos foliões - Comunidade quilombola Buriti do Meio, São Francisco/MG



Preparação dos alimentos para Encontro de Folias na Quinta do Sumidouro - Pedro Leopoldo/MG

O ENCERRAMENTO

Agradeço aos foliões
Que ajudaram com a jornada
Veio cumprir a missão
Nessa hora abençoada

É hora da despedida
Tá na hora da chegada
Está entregue essa promessa
Essa hora tão sagrada

Folia de Reis Arceburguense, Arceburgo/MG

O meu nobre cidadão
A bandeira e vai s'embora
Vai levando o seu retrato
Pra entregar a Nossa Senhora

A bandeira e vai s'embora
Vai levar sua Folia
Quem ficar com saudade dela
Vai na reza do seu dia

Folia de Bom Jesus da Comunidade Quilombola de Buriti do Meio, São Francisco/MG

Assim como há determinados protocolos necessários ao início dos rituais de visitação, há também aqueles que devem ser feitos com o intuito de fechar o ciclo. Como se observou, as jornadas são momentos em que as Folias ganham temporariamente a dimensão pública, estabelecendo contato com as santidades e com os devotos em uma intensa dinâmica de troca. Por essa razão, ao fim do circuito de visitações, as bandeiras, especialmente, devem passar por um ritual de separação particularmente importante.

O encerramento é marcado pela entrega da bandeira, que é realizado próximo ao dia do padroeiro ou dos santos de devoção dos grupos. Assim, no caso das Folias de Reis, por exemplo, a entrega se dá no dia 06 de janeiro, que é o dia dos Santos Reis, e nas Folias de São Sebastião, no dia 20 de janeiro, que é a data de celebração do santo.

Assim como na abertura, o fechamento do ciclo costuma ocorrer em espaços importantes para a Folia, como na própria sede do grupo ou na casa do capitão. Uma vez posicionados para a entrega da bandeira, cada integrante é chamado a se despedir, ganhar a benção final e encerrar sua obrigação daquela jornada. Em relação aos palhaços, uma vez liberados da função, visto que passaram por um batismo ritual, não mais devem colocar as máscaras. Todas as outras pessoas que se fazem presentes e que não integram a Folia são levadas também a se despedirem. A pessoa com a função de bandeireira é a última a ser chamada, pois é ela quem encerra o ritual de entrega da bandeira.

É nessa circunstância que a bandeira e os demais elementos rituais retornam aos seus locais particulares, sejam expostos no altar ou cuidadosamente guardados, voltando a circular somente no início do próximo ciclo. Para aqueles grupos que realizam a jornada contínua entre Santos Reis e São Sebastião, este é o momento da troca de bandeiras.

Como é de festa que se trata, esta etapa é marcada por uma comemoração que marca o encerramento do ciclo festivo. Desprovido do rigor ritualístico verificado nas etapas anteriores, o chamado arremate instaura um momento de encontro que mobiliza um grande número de pessoas, entre familiares, amigos e devotos em torno de rezas, danças, comidas e bebidas. Isso revela que nos espaços-tempos do catolicismo popular há uma forte mistura entre o sagrado e o profano, um se fundindo ao outro em distintas práticas festivas.

O arremate mobiliza grande número de pessoas, familiares, amigos e devotos em uma extensa rede de solidariedade. É comum em muitas Folias o costume de convidar outros grupos para comungar do banquete oferecido na festa, pois compartilhar o alimento é ponto marcante do fechamento do ciclo festivo. Desse modo, esses coletivos se inserem em um extenso circuito de trocas entre eles próprios, através do qual se fortalecem os vínculos e relações de amizade entre as partes.

Trata-se de uma ostentosa cerimônia marcada por ações religiosas, intensa comensalidade com fartura de comida e bebida, atravessada ainda por numerosos aspectos da realidade. Dimensões econômicas, estéticas, morais, religiosas, materiais, "espirituais", visíveis, invisíveis, mundanas, extramundanas, se entrelaçam para configurar a festa como um "fato social total"[1] .

> A Folia...a gente e nem os padres entendem o quê que é isso. Porque isso é um mistério né? Ela é um segredo. É um mistério.
>
> **Francisco José Possidônio, violeiro e mestre de Folia de João Pinheiro/MG**

NOTA

1. BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara... 2008.





Arremate da Folia de Bom Jesus. São Francisco/MG.



Foliões da Folia de Bom Jesus da Comunidade Quilombola Buriti do Meio - São Francisco/MG

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de reis. 2008, 191f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro, 2008.

BRANDÃO, Théo. O Reisado Alagoano. 2. Ed. Alagoas: Edufal, 2007.

BURKE, Peter. A cultura popular na idade moderna. São PAULO: Cia. das Letras, 1989.

CHAVES, Wagner D. Canto, voz, presença: uma análise do poder da palavra cantada nas Folias nortemineiras. Mana, (20)2, 2014, p. 249/280.

GAETA, Maria Aparecida J. V. A cultura clerical e a Folia popular. Revista Brasileira de História, vol. 17, n. 34, São Paulo, 1997.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

PEREIRA, Luzimar. O giro dos outros: fundamentos e sistemas nas Folias de Urucuia, Minas Gerais. Mana, 20(3), p. 545-573, 2014.

SCHWARCZ, Lilia M. Viajantes em meio ao império das festas. In: JANCSÓ, Istvan; KANTOR, Iris (org.). Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa, v. II. São Paulo: Hucitec/ Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial, 2001.

CADERNOS DO PATRIMÔNIO
FOLIAS DE MINAS GERAIS

Organização
Françoise Jean de Oliveira Souza
Débora Raiza Carolina Rocha Silva

Elaboração e Adaptação dos Textos
Ana Paula Lessa Belone
Débora Raiza Carolina Rocha Silva

Revisão de textos
Adalberto Andrade Mateus
Laura Moura Martins
Mariana Rabêlo de Farias

Fotografia
Acervo Iepha-MG

Estagiários
André Vitor de Oliveira Batista
Erika Caroline Damasceno Costa

Projeto Gráfico
Ana C. Bahia

Diagramação
Ana Paula Romero Andrade

Supervisão Editorial
Leandro Henrique Cardoso

ELABORAÇÃO DO DOSSIÊ DE REGISTRO DAS FOLIAS DE MINAS GERAIS – IEPHA-MG

Coordenação
Françoise Jean de Oliveira Souza
Luis Gustavo Molinari Mundim

Equipe Técnica
Adalberto Andrade Mateus
Breno Trindade da Silva
Clarice Murta Dias
Débora Raiza Carolina Rocha Silva

Estagiários
André Vitor de Oliveira Batista
Bianca Zacarias França
Guilherme Eugênio Moreira

Foliões saindo da Igreja. São Francisco/MG.

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Romeu Zema Neto

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS
Mateus Simões de Almeida

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS
Bárbara Barros Botega

SECRETÁRIA DE ESTADO ADJUNTA DE CULTURA E TURISMO DE MINAS GERAIS
Josiane de Souza

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

PRESIDENTE
Paulo Roberto Meireles do Nascimento

CHEFE DE GABINETE
Danuza Muniz Braga

DIRETOR DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
Ítallo Marcos Ribeiro Gabriel

DIRETOR DE PROMOÇÃO
Saulo Carrilho de Paula

DIRETOR DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E FINANÇAS
Edwilson Martins

DIRETOR DE PROTEÇÃO E MEMÓRIA
Adriano Maximiano da Silva

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Deborah Marcassa

Esta publicação foi composta em Myriad Pro sobre papel
Couché fosco 115 /m² para o Instituto Estadual do Patrimônio
Histórico e Artístico de Minas Gerais.



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

Patrocínio:

TAMBASA
ATACADISTAS

Realização:

MH PRODUÇÕES CULTURAIS

Minas

iepha
MINAS GERAIS

CULTURA E TURISMO

GOVERNO DE MINAS
AQUI O TREM PROSPERA.

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO